




# A INFÂNCIA MEDICALIZADA: UM ESTUDO SOBRE A CONSTITUIÇÃO DA CRIANÇA COM QUEIXA ESCOLAR

## Medicalized childhood: a study on the constitution of children with school complaints

Simone Vieira de **SOUZA**  
Departamento de Metodologia de Ensino  
Universidade Federal de Santa Catarina  
Florianópolis, Brasil  
[simonesouza.ufsc@gmail.com](mailto:simonesouza.ufsc@gmail.com)  
<https://orcid.org/0000-0001-7089-0465> 

### RESUMO

Este trabalho apresenta um recorte sobre os sentidos produzidos pela criança com queixa escolar, tendo como pressupostos a Psicologia Escolar Crítica. Participaram do estudo, cinco crianças/estudantes com idade entre 12 e 13 anos, encaminhados para atendimento psicológico no serviço de psicologia de uma universidade comunitária, bem como as famílias e professoras/es dessas crianças. Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa e o processo metodológico enfatiza o sentido pessoal que as crianças percebem, nos atravessamentos marcados pela queixa escolar. O foco da investigação foi, assim, o ponto de vista da criança, sendo privilegiadas as mediações vividas no espaço da escola e da família. O estudo demonstra que sucessivas experiências de humilhação, exclusão e medicalização produzem sofrimento, além de atribuírem sentidos às histórias de pouco sucesso escolar. Por outro lado, evidencia-se que, quando as crianças/estudantes contam com experiências que validam a sua potência, há uma possibilidade de se estranhar no habitual lugar de incapaz e de imprimir novos sentidos a sua história.

**PALAVRAS-CHAVE:** Infância. Medicalização. Queixa escolar.

### ABSTRACT

This work presents a clipping about the meanings produced by the child with school complaints, having as assumptions the Critical School Psychology. The study included five children/students aged between 12 and 13 years, referred for psychological care at the psychology service of a community university, as well as the families and teachers of these children. It is a qualitative research and the methodological process emphasizes the personal meaning that the children perceive, in the crossings marked by the school complaint. The focus of the investigation was, therefore, the child's point of view, with the mediations lived in the space of school and family being privileged. The study demonstrates that successive experiences of humiliation, exclusion and medicalization produce suffering, in addition to attributing meaning to stories of poor school success. On the other hand, it is evident that when children/students have experiences that validate their potency, there is a possibility of finding themselves strange in the usual place of being incapable and of imprinting new meanings on their history.

**KEYWORDS:** Childhood. Medicalization. School complaint.

## PRIMEIRAS PALAVRAS

Este trabalho é parte de uma pesquisa de doutorado, vinculado a um Programa de Pós-graduação em Educação, de uma Universidade pública do sul do país. E apresenta um recorte sobre os sentidos produzidos pela criança/estudante<sup>1</sup> com queixa escolar no seu processo de escolarização, tendo como referência os pressupostos da Psicologia Escolar Crítica. A queixa escolar é compreendida pelo viés da culpabilização da criança/estudante ou da família pela falta de sucesso no processo de escolarização dela – que produz encaminhamentos para avaliação médica, psicológica, fonoaudiológica etc., – sendo consequência de uma perspectiva biologizante e reducionista de compreensão do fenômeno, que leva à medicalização da infância. Dessa forma, a queixa escolar medicalizada é uma narrativa reducionista e prescritiva sobre a diferença, que é constitutiva da vida (SOUZA, 2007; SOUZA, 2013).

Problematizar o fracasso escolar<sup>2</sup> como uma temática atual na formação de professoras/es, apesar do muito que já foi discutido, especialmente a partir da década de 1980, com as publicações de Maria Helena Souza Patto (1997, 2010, 2015), readquire sentido ao se dirigir atenção às práticas de encaminhamento psicológico que perduram na realidade escolar e que, nesse momento, ganham força com o discurso repaginado da queixa escolar medicalizada (SOUZA, 2002, 2007, 2010; VIÉGAS, 2007).

No caminho a que me propus compor, a criança vive uma condição social de estudante, aspecto que indica um cenário a ser considerado, uma dimensão importante do contexto da escolarização que incide na sua constituição. Nos aportes teóricos assumidos, encontro um caminho possível de compreensão na busca de apreender os sentidos que as crianças/estudantes têm produzido numa história marcada por uma queixa escolar. Minha compreensão de criança/estudante encontra seu referencial nos fundamentos da matriz Histórico-Cultural. Penso que essa compreensão se põe entre uma discussão que considero relevante: romper com uma perspectiva de desenvolvimento baseado em etapas, nas quais o desenvolvimento da criança se dá independente do processo de aprendizagem, que tem contribuído para legitimar uma cultura do normal e do patológico. Por exemplo, uma criança/estudante, por volta dos

---

<sup>1</sup> A palavra criança/estudante será utilizada como expressão que registra o período de desenvolvimento em que se encontram, e chama atenção para a condição social que vivenciam, nesse caso, a condição de estudante marcadas/os por uma queixa escolar.

<sup>2</sup> Algumas disciplinas, como Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem e Psicologia da Educação, têm discutido na formação inicial de professoras/es, temáticas sobre o “fracasso escolar”, “dificuldades de aprendizagem”, “problemas de aprendizagem”, “problemas de escolarização” ou “medicalização da educação”.

sete anos, deve transitar pelo código da escrita, ser capaz de relacionar conceitos iniciais da matemática; mas, se com sete anos de idade, percebe-se indicadores de que esta, na sua relação com a produção do conhecimento, emite respostas “lidas” como aquém do padrão de respostas esperadas, pode-se, a partir da lógica fase/etapa, pressupor: existe algo de errado com esta criança/estudante! Esta criança/estudante não domina os conceitos básicos para efetivar sua aprendizagem! Futuramente isso terá prejuízos! Precisa de uma avaliação e de acompanhamento!

Participaram da pesquisa cinco crianças/estudantes que na ocasião tinham entre 12 e 13 anos de idade, encaminhados para avaliação e atendimento psicológico no serviço de psicologia de uma universidade comunitária no sul de Santa Catarina, bem como as famílias e professoras/es das crianças. Essas crianças/estudantes aguardavam numa lista de espera. Ressalto que a infância ancora-se, aqui, dentro de uma perspectiva alargada, num tempo estendido do desenvolvimento, conforme preconiza autores(as) estudiosos da infância (MELLO, 2007; QUINTEIRO, 2015); e a pesquisa com a criança/estudante marcado pela queixa escolar se deu dentro do processo de escolarização no ensino fundamental (indo ao encontro do que apontam pesquisas da área), quer dizer, é nesse caminho de vida escolar e entre os sete e 13 anos de idade, principalmente, que a criança/estudante vai sendo visibilizada pela falta, diferença, dificuldades de aprendizagem e comportamentais, etc, e constituindo-se em meio a queixa escolar (TULESKI *et al.*, 2019). Então, o modo de denominação criança/estudante informa sobre esse tempo de vida no qual o papel social principal que a criança vive é de estudante.

Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (certificado nº 925). O processo metodológico trilhado na investidura do tema se deu no estudo de diferentes cenários<sup>3</sup> constituintes do processo, como: entrevistas individuais com as crianças/estudantes, suas famílias e professoras/es, atividades em grupo com as crianças/estudantes, atividades em grupos com as famílias e as crianças/estudantes juntos, e enfatiza o sentido pessoal que objetiva a peculiaridade com que as crianças, na sua condição de estudante, percebem em meio aos atravessamentos de uma queixa escolar (REY, 1997).

---

<sup>3</sup> Este artigo, por uma questão de limite de espaço, apresentará alguns fragmentos da pesquisa organizados em três indicadores temáticos: I) o que as crianças/estudantes dizem de si? II) o que a família diz sobre a criança/estudante? e III) o que a professora diz sobre a criança/estudante?, buscando nexos e inteligibilidades sobre a criança/estudante marcada por uma queixa escolar.

Na busca pela identificação e apreensão do que a criança/estudante tinha a dizer, foram elaboradas diferentes estratégias de pesquisa, objetivando o diálogo com ela e não sobre ela. Partiu-se do pressuposto de que o processo de constituição humana se dá por meio de mediações – situações sociais de desenvolvimento –, sendo a criança afetada profundamente por essas experiências, e tais mediações podem se caracterizar como algo restritivo ou emancipador de sua aprendizagem e desenvolvimento (REY, 2002; 2005; PRESTES, 2021; GONÇALVES FILHO, 2021).

Como desdobramento do desenho de pesquisa, ancoragem teórica e metodológica, para acessar e melhor compreender as narrativas das crianças/estudantes, foram criados cenários que pudessem garantir a escuta das/os professoras/es e famílias das crianças/estudantes que participaram do estudo. O foco da investigação foi, assim, o ponto de vista da criança, sendo privilegiadas as mediações vividas no espaço da escola e da família (DERMATINI, 2002).

Nas seções a seguir, apresento aspectos do caminho metodológico construído, aporte teórico e fragmentos que apontam algumas das significações atribuídas pela criança, pela escola e pela família, organizados em três indicadores temáticos: I) o que as crianças/estudantes dizem de si; II) o que a família diz sobre a criança/estudante e III) o que a professora diz sobre a criança/estudante. E, por fim, um pequeno registro que personifica pistas sobre a ressignificação possível da queixa escolar medicalizada.

## **OPERADORES CONCEITUAIS: NOTAS SOBRE O CAMINHO TEÓRICO E METODOLÓGICO**

A Psicologia Escolar crítica, caracteriza-se pelo rompimento com uma prática psicológica que, ao se debruçar sobre os processos nos quais algumas crianças/estudantes não aprendiam, cunhou explicações de ordem patologizante e culpabilizadora sobre a questão. Podemos identificar a origem dessa discussão no Brasil na década de 1980, com os estudos de Maria Helena Souza Patto (1997), que elabora uma importante crítica à forma de atuação da(o) psicóloga(o) escolar, iniciando-se, assim, o protagonismo de uma psicologia escolar que assume o compromisso social de uma prática implicada com a equidade e com o desenvolvimento social. Nesse sentido, o olhar e as formas de intervenção se voltaram para os processos de funcionamento dentro e fora da escola, que produzem o fracasso escolar. Nas palavras de Guzzo (2008)

Esse processo, no contexto da escola, tem seus grandes desafios. Trabalhar a criança, sua família e seu contexto de aprendizagem em uma perspectiva da

conscientização surgem como uma proposta de intervenção que deve ser desenvolvida, sobretudo neste momento em que a prática profissional tem tido um sentido contrário – o que acontece com a criança na escola é entendido ‘tratado’ como um problema apenas ‘da criança e de sua família’ (GUZZO, 2008, p.34).

Esse acento propiciaria e propicia, ainda hoje, compreender a origem do volumoso número de encaminhamentos, que a queixa escolar tem configurado, numa articulação e diálogo com todas as pessoas envolvidas no processo de escolarização<sup>4</sup>. Nesta seção, são apresentadas algumas unidades conceituais que tomamos como referência para olhar as marcas do contexto escolar na tecitura da criança/estudante que se constitui em meio a experiências de repetência e queixa escolar. Essas marcas, ao se produzirem, produzem vividos afetivos, cognitivos, sociais que ganham força, são subjetivadas, oferecem sentido e, objetivamente, se fazem presentes na criança/estudante, na família e no/a professor/a. Nos encontros e nos diálogos com as crianças/estudantes conhecemos algumas dessas marcas, marcas que foram subjetivadas e produziram sentidos na sua história de vida, dentro e fora da escola.

Assim, a medicalização coloca-se como uma questão necessária a ser discutida nessa realidade. Por medicalização compreendo:

[...] uma racionalidade que naturaliza a vida humana, e, no mesmo giro reducionista e determinista, formata quais são os tipos “naturalmente” valorizados ou desvalorizados, desejáveis ou indesejáveis. Sua penetração na vida cotidiana se dá a partir de diversos dispositivos estratégicos e práticos, instalados em todos os espaços e instituições (escolas, postos de saúde, igrejas, templos, banheiros, ônibus, ruas, mídias...), que operam em torno de matrizes normativas e ideais regulatórios, prescrevendo padrões (de desenvolvimento, comportamento, aprendizagem, inteligência, afetividade, linguagem, gênero, sexualidade, eficiência, estética...) que devem ser seguidos à risca por todos, invisibilizando a complexidade da existência e camuflando o fato de que as condições de vida são absurdamente desiguais (FMES, 2019, p. 12).

Ou seja, a medicalização é uma racionalidade que informa sobre como a vida tem sido prescrita e editada, evidenciando com isso, o comparecimento de tratamentos para supostamente corrigir comportamentos desviantes. Logo, produzir deslocamentos e tensionamentos em busca de outra racionalidade na área da Educação e da Psicologia é algo premente. E, nessa direção, uma vez que o conceito de medicalização é utilizado desde o século XVIII, com o nascimento da medicina moderna e a escalada do movimento higienista a partir do século XX, os estudos de Ivan Illich (1975) e Roberto

---

<sup>4</sup> Para aprofundar essa discussão indica-se a leitura do documento de Referências Técnicas para Atuação de Psicólogas(os) na Educação Básica do Centro de Referência Técnica em Psicologia e Políticas Públicas – CREPOP; documento elaborado pela comissão: Marilene Proença Rebello de Souza; Carmem Silva Rotondano Taverna; Iracema Neno Cecílio Tada; Marilda Gonçalves Dias Facci; Raquel Souza Lobo Guzzo; Marisa Lopes Rocha; Brasília, 2013. Disponível em: [www.cfp.org.br](http://www.cfp.org.br) e em [crepop.pol.org.br](http://crepop.pol.org.br).

Machado (1978), que analisam a representação da medicina na sociedade podem auxiliar na compreensão das tensões existentes entre os discursos e prescrições sobre medicalização e a forma como são compreendidos pelos diferentes sujeitos sociais em cada momento histórico (BELTRAME, 2019).

Conforme, Machado (1978), na análise de espaços urbanos na década de setenta, os médicos da época se depararam com o crescimento das cidades e, conseqüentemente, das instituições (hospitais, fábricas, prisões, escolas, entre outros). Como prática médica, caberia à medicina social resolver o impasse: se por um lado as instituições eram necessárias à sociedade, por outro lado, significavam “[...] focos de doença e desordem e, como tal representam um perigo para todo o urbano” (MACHADO, 1978, p. 279). À medicina social coube o desafio de dominar o perigo que existia no interior das instituições e que representavam ameaça de desordem à sociedade; em outras palavras, iniciava-se o projeto de medicalização dos estabelecimentos. Além de analisar a relação entre o espaço urbano e o espaço institucional, a medicina social entra nas instituições propondo ordenação no seu interior. Nas palavras do autor, “o objetivo final da medicina social é, de maneiras diversas, formar ou reformar física e moralmente o cidadão” (MACHADO, 1978, p. 281).

Machado destaca, ao analisar o texto de Manoel Antonio de Almeida, Memórias de um Sargento de Milícias<sup>5</sup>, a defesa de uma exigência, o controle da vida da criança, por meio de uma instituição para ela voltada e perfeitamente medicalizada. Naquele cenário, não utilizar o saber médico na escola significava comprometer o futuro da sociedade, tornando o colégio uma ameaça aos internos, ao invés de espaço de formação de cidadãos “sadios”. Nesse sentido, era a criança objeto privilegiado da medicina. Quanto à criança brasileira, esta era retratada como um pequeno monstro, que deveria ser transformada, e a escola seria o caminho da transformação. O discurso normalizador que a medicina estabelecia sobre as escolas tinha na relação de autoridade seu fundamento:

[...] a presença médica não deve se restringir ao espaço da enfermaria; seu poder de decisão e organização deve ser amplo, ocupando toda a escola [...]. É o médico que deve decidir sobre a admissão de funcionários e professores, pois é ele que, em última instância, é capaz de avaliar a idoneidade moral e intelectual das autoridades educacionais (MACHADO, 1978, p. 301).

---

<sup>5</sup> Romance de Manuel Antônio de Almeida, originalmente publicado em folhetins no Rio de Janeiro, entre 1852 e 1853. A narrativa do texto incorpora a linguagem das ruas, da classe média e baixa, fugindo aos padrões da época nos textos narrados.

No livro *A Expropriação da Saúde: nêmesis da medicina*, Ivan Illich questiona o processo da medicalização e o impacto psicológico que ela impõe aos indivíduos submetidos a esse fenômeno. Entre outras discussões, o autor refere-se à área médica como a empresa médica que ameaça a saúde, e afirma: “[...] a colonização médica da vida aliena os meios de tratamento, e o seu monopólio profissional impede que o conhecimento científico seja partilhado (ILLICH, 1975, p. 9). Nessa estrutura social e política, ocorre um processo de destruição, pelo qual as vítimas são capturadas e ensinadas a desejar terapias, tornando-se consumidores de cuidados da medicina “[...] torna-se impotente para curar-se ou curar seus semelhantes” (ILLICH, 1975, p. 9). Isso se consolida e se fortalece a partir de uma organização corporativa, alinhada e estrategicamente potente nas suas alianças e manobras.

Assim dizendo, os clínicos contam com a cooperação de professoras/es, psicólogas/os, fonoaudiólogas/os, laboratórios farmacêuticos e, mais recentemente, de psicopedagogas/os na contribuição da produção e reprodução de um discurso que fratura a compreensão da criança/estudante com problemas na escolarização – quando submetidos “essencialmente” a explicações medicalizantes. Esse aspecto se reflete, por exemplo, nas ênfases temáticas que têm sido alvo das programações nos cursos, seminários e congressos (nas referidas áreas), organizados numa perspectiva de diagnóstico estruturante, pautado no modelo nosológico, contando com o patrocínio de alguns laboratórios, setor que cresce vertiginosamente. Destaca-se que, na década de 1970, Illich afirmava ser essa indústria de cuidados médicos um dos grandes setores econômicos de mais rápida expansão. E é nesse contexto que a indústria farmacêutica se expande e reforça a perspectiva aligeirada que hoje encontramos nas escolas, com a promoção da medicação associada a solução rápida e, em alguns casos, como a única saída para os problemas das crianças/estudantes com queixa escolar, ratificada pela medicina (COLAÇO, 2016, p. 130). Para o Fórum sobre a Medicalização da Educação e da Sociedade<sup>6</sup> (FMES) estamos diante de uma inversão de princípios, no lugar de se criar medicamentos para as doenças, criam-se doenças para os medicamentos (FSMES, 2015).

No que se refere à dimensão metodológica, este estudo foi tecido com os fios construídos nos encontros ao longo de quatro meses com as crianças/estudantes, famílias e professoras. Sobre as crianças/estudantes: quem são e como chegaram?

---

<sup>6</sup> O FMES é um movimento social, com núcleos em diferentes cidades e regiões do país, e reúne outros movimentos sociais, entidades e pessoas de diferentes campos de atuação, implicadas com uma perspectiva não medicalizante da vida e da educação. Informações, acessar: <http://medicalização.org.br/>

Todas as cinco crianças/estudantes tinham em comum o indicativo de que apresentavam uma dificuldade que interferia na aprendizagem, e vieram encaminhadas pelas escolas públicas de ensino fundamental em que estavam matriculadas, para serem avaliadas pelo serviço de psicologia de uma universidade comunitária no sul do estado de Santa Catarina. Três chegaram com um encaminhamento da escola, com diagnósticos pautados sob a égide da medicalização; duas crianças/estudantes com encaminhamentos do médico do ambulatório materno infantil da universidade, com diagnóstico de Transtorno de Déficit de Atenção – TDA; e quatro das cinco crianças/estudantes estavam submetidas a tratamento medicamentoso ou haviam feito uso de substância psicoativa como prescrição para tratar a queixa escolar relacionada a dificuldades de aprender (SOUZA, 2013).

As atividades em grupo realizadas com as crianças/estudantes ocorreram semanalmente, no período vespertino – de 13h30min às 15h00min – em um total de 11 encontros no espaço físico da universidade; os encontros individuais se deram de forma pontual, conforme necessidade que fora sentida; as atividades de grupos com as famílias aconteceram mensalmente, no período noturno – de 19h00min às 21h00min – totalizando três encontros de grupo e um encontro individual com cada família; as entrevistas com as professoras/es se deram nas dependências da escola, conforme dia e horário definidos previamente. As atividades foram gravadas com autorização das/os sujeitos e transcritas na íntegra no diário de campo da pesquisadora.

Quanto à organização e sistematização dos encontros, as atividades eram construídas e escolhidas com as crianças. O tema<sup>7</sup> do encontro foi definido no momento posterior de escuta e registros no diário de campo, e teve como referência as falas das crianças ou as figuras recorrentes que estiveram presentes naquele dia. As entrevistas individuais foram sugeridas às crianças e aos familiares, conforme a necessidade localizada no percurso da pesquisa, e aconteceram em espaços/salas disponíveis no serviço de psicologia da universidade, conforme disponibilidade dos entrevistados.

A tecitura dos fios que se fizeram dos encontros e dos registros gravados, transcritos, filmados, fotografados, desenhados, pintados e silenciados buscou integrar

---

<sup>7</sup> 1º Encontro - Contrato (configuração e objetivos do grupo, implicações éticas da pesquisa, Termo de Consentimento Livre e Esclarecido); 2º Encontro - Zoom e a experiência do olhar: o que olho? Como olho? O que meu olhar diz sobre o que olha? E sobre o outro que também me olha... o que diz?; 3º Encontro – Autorretrato: contando histórias da vida e da vida na escola; 4º Encontro - “Habilidades” e possibilidades; 5º Encontro - Identificando etiquetas: sou isso, aquilo e algo mais... e não só isso! 6º Encontro - Levantando temas e conteúdos encobertos; 7º Encontro - Falando sobre os afetos e os desafetos: um pouquinho das experiências e das marcas da minha vida na escola; 8º Encontro - “Habilidades” e expectativas; 9º Encontro - Baú da memória: mais um pouco da minha história na escola; 10º Encontro - Partilhando significados e atribuindo novos sentidos; 11º Encontro - Finalizando o processo e girando a roda...



os diversos cenários nessa composição – impressos e impressões que subsidiaram a análise de um fluxo dialógico entre os atores, no encontro com as diversas formas de narrar e oferecer visibilidade aos sentidos subjetivos da experiência que tem sido vivida (REY, 2002; 2005).

O mote que orientou a análise das cenas e dos indicadores foi o encontro com alguns dos sentidos expressos pelos sujeitos – que pareceu orientar, dar pistas, na compreensão entre a relação da/o criança/estudante e a queixa escolar, nomeada, em alguns contextos e por algumas pessoas (professoras/es, especialistas, médicas/os), como um não saber. Ainda se tem dificuldade em se vislumbrar, no movimento da criança/estudante já identificada com uma queixa escolar, a existência de apropriação do conhecimento formal quando o tempo de resposta dada é diferente, assim como o nível de compreensão do conhecimento, ou quando a resposta chega por outra via que não a esperada.

Mais do que fragmentos de uma cena ou lembrança, os sentidos partilhados pelas/os crianças/estudantes surgiram a cada encontro e de maneira peculiar, nos espaços de conversa e de expressão entre o grupo. O entendimento de que os sujeitos participantes do estudo são sujeitos de suas construções, portanto, essencialmente um ser social e histórico, é algo que organiza o fundamento teórico e metodológico deste estudo. Nesse sentido, busquei analisar o fenômeno nas condições de produção, determinadas social e historicamente. No percurso inicial da pesquisa eu contava com algumas questões mobilizadoras, como, por exemplo, de um lado, a discussão de um tema considerado já esgotado – a problemática do fracasso escolar - e de outro, o número crescente de crianças encaminhadas com queixas escolares, com pedidos encharcados de justificativas já denunciadas, recaindo numa busca de se localizar um culpado, e na utilização de um repertório de acusações e explicações individuais. Por conseguinte, essas questões foram, também, norteadoras de uma rota revista em momentos diferentes do processo, o que significa dizer que estou em consonância com os indicadores dessa pesquisa (REY, 2002; 2005).

## **PISTAS PARA UMA REFLEXÃO ANALÍTICA**

Apresento a seguir, alguns excertos, sinalizadores de como as explicações medicalizantes marcam as histórias das crianças/estudantes desse estudo, informações e cenas registradas no diário de campo. E, assim, busco me aproximar dos três

indicadores temáticos<sup>8</sup> de análise: I) o que as crianças/estudantes dizem de si?; II) O que a família diz sobre a criança/estudante? e III) o que a professora diz sobre a criança/estudante?, buscando nexos e inteligibilidades concernente a criança/estudante marcada por uma queixa escolar. Em outras palavras, busco apresentar pistas sobre como a queixa escolar foi objetivada pela escola, pela família, e como as crianças/estudantes demonstram a apropriação do olhar medicalizante do outro?

Sobre Gabriel<sup>9</sup>, **o que a família/mãe diz ter Gabriel** “[...] *cabeça fraca para os estudos, a irmã mais nova já sabe coisas que ele não sabe ainda*”. O menino foi encaminhado ao serviço de psicologia com a queixa escolar: não sabe ler e escrever, reprovou três vezes no 3º ano, é introspectivo na sala de aula. **O que a professora diz de Gabriel:**

*[...] não posso esperar que ele seja capaz de fazer determinados exercícios que outros conseguem, mas ele também não é o único com dificuldades de aprendizagem na turma [...] o que posso fazer para ajudá-lo? Será que ele não tem... dislexia? (Diário de Campo, 2010).*

**Como Gabriel expressa o processo de subjetivação da queixa?** Chega ao grupo e nos encontros com o corpo fletido e com o olhar distante; o silêncio é sua resposta nos diálogos com o grupo; as solicitações para permanecer do lado de fora, à margem no grupo é um caminho de escolha recorrente. **O que diz de si:** “[...] *tenho dificuldades na escola dona [...] se a pessoa não aprende na escola, aprende na cadeia, não dá nada [...]*”. *Como se desenha na construção de uma linha do tempo? Com quinze anos, ainda no 3º ano*” (Diário de Campo, 2010).

**Israel e o olhar da professora** expresso no encaminhamento que solicita para “[...] *que fosse medido o grau mental do estudante [...] o estudante apresenta uma deficiência mental grave, com a experiência que tenho na educação não tenho dúvida disso*”. **O que chega falando de si:** “*Estou aqui para aprender a não brigar com os amigos, a não bater nos colegas, respeitar o professor e aprender coisas na escola*”. **O que diz seu pai:**

*[...] já não sei mais o que pensar: pra escola ele tem um problema, vou à pediatra, e ela diz que está tudo certo com o guri, aqui com vocês também, mas, pra neuropediatra, ele tem um problema, assim, na forma como aprende, na última consulta receitou um medicamento Imipramina. Eu parei por conta porque o guri pode se viciar, né? (Diário de Campo, 2010).*

<sup>8</sup> Os três indicadores temáticos estão em negrito, a fim de oferecer visibilidade aos excertos de falas das famílias, professoras e crianças/estudantes.

<sup>9</sup> Os nomes de todas as crianças/estudantes são nomes fictícios, escolhidos por elas.

Juliana e Manoela foram diagnosticadas, por um neuropediatra, como tendo TDA. Fizeram uso de medicamentos durante dez meses (Ritalina). **O que a mãe diz:** “[...] em função das dificuldades de concentração, notas baixas, ansiedade, o neuropediatra disse que Juliana e Manoela apresentavam transtorno de déficit de atenção”. **O que Juliana e Manoela falam:** “[...] acho que estou aqui porque tenho dificuldade de me concentrar [...] acho que é isso, tenho falta de concentração [...]” (Diário de Campo, 2010). **E as professoras, o que dizem?** Em três tentativas por telefone, não foi possível agendar um horário na escola (semana de provas, gincana, horário especial). O que isso pode sinalizar sobre o funcionamento escolar?

**Neymar e o que o neurologista e a psicopedagoga disseram:** “[...] ser portador de dislexia. Fez uso de medicamento (Ritalina). Atualmente é acompanhado por outro médico no posto de saúde, que lhe receitou um antidepressivo (Dipramina). Faz acompanhamento com endocrinologista em função da baixa estatura que possui para sua idade”. **O que a mãe diz sobre o filho:**

*[...] digo pro meu filho que ele é um menino normal, inteligente, não tem nada de errado com a cabeça dele, ele só precisa estudar mais que os outros meninos [...] cheguei a falar pro médico que eu não queria dar mais o remédio pra ele, o médico respondeu assim: - está vendo essa receita? Então, está aqui, e é pro teu filho, ele precisa disso, agora tu fazes o que quiseres. Eu fiquei confusa, né, porque é ele que estuda sobre isso (Diário de Campo, 2010).*

**Do que a professora se queixa** “[...] ele deve ter algum problema”. **O que Neymar fala de si:** “Acho que estamos aqui porque parece que temos uma dificuldade para aprender na escola” (Diário de Campo, 2010).

Esses fragmentos oferecem visibilidade para alguns aspectos fundamentais no que tange à medicalização da criança/estudante e a forma como esses discursos são subjetivados (por todos os participantes do cenário escolar). Como já expressei, a trajetória de escolarização da criança marcada por uma queixa escolar tem produzido sofrimentos, processos de exclusão, naqueles já excluídos, em boa parte dos casos, na esfera social, afetiva, educacional. A lógica medicalizante imprime, a essa realidade, sentidos, ou seja, a criança, estudante não aprende porque tem um transtorno, um distúrbio, um problema que mascara as questões de ordem social, política, educacional, entre outras. E, assim, se estabelece, portanto, o retorno às explicações que culpabilizam os estudantes que, segundo a escola, não aprendem ou apresentam dificuldades para aprender.

Nesse mercado em que se configuram a indústria dos diagnósticos e a indústria farmacêutica, na ação de criar doenças, a medicalização da Educação (no discurso e

prática) tem cumprido, de forma eficaz, o dispositivo de controle, a submissão das crianças/estudantes e tem garantido, com isso, o silenciamento de conflitos de outra ordem. Em outras palavras, a medicalização da Educação tem orientado uma prática de vigilância punitiva, majoritariamente balizada pela contenção química, prática que, no âmbito escolar, tem se mostrado eficaz, muito mais, ao que parece, à saúde da indústria farmacêutica (GUARRIDO, 2010; OLIVEIRA, 2016; CAPONI, 2021; PRESTES, 2021).

Com isso, o significativo crescimento dos diagnósticos de medicalização entre as crianças e adolescentes em idade escolar e o exponencial aumento dos encaminhamentos aos especialistas faz com que destaquemos as discussões, estudos, publicações e eventos realizados no âmbito do Fórum sobre a Medicalização da Educação e da Sociedade (FMES) –, que tem buscado se contrapor a essas práticas e refletido sobre o discurso que confere, mais uma vez, explicações organicistas e individualizantes. Torna-se cada vez mais urgente a necessidade de discutir práticas de intervenção na contramão de um discurso forte e hegemônico, que tem sido imperativo no campo da educação e da saúde, o discurso da medicalização da vida (FMES, 2019).

Em nosso estudo, buscamos identificar o modo como esse discurso se faz presente na vida das crianças que participaram da pesquisa, ao mesmo tempo em que procuramos identificar o modo como esse discurso foi se constituindo na história – lembrando que aqui apresento alguns extratos. É importante destacar que nem sempre a medicalização é aceita passivamente pela família. Ao mesmo tempo em que é vista como solução rápida e imediata por alguns familiares, ela também é vista com desconfiança e contestada por outros:

**Mãe de Gabriel:** - [...] ele tem um problema na cabeça, ele não consegue gravar as coisas.

**Pai de Israel:** - [...] não sei mais o que pensar e esperar desse guri [...] eu parei o remédio por conta, porque o guri pode se viciar, né?

**Mãe de Neymar:** - [...] parei o medicamento porque o menino só queria saber de dormir, ficava reclamando de dor na barriga [...] (Diário de Campo, 2010).

Ao reconhecer que a criança se produz e é produzida por meio de condições sociais concretas – escola, família, especialistas, seus pares –, tornou-se salutar escutá-la a partir de suas próprias representações e imperativo seguir interrogando sobre: o que a criança tinha a nos dizer sobre os sentidos impressos na história tecida em meio à queixa escolar? Que olhar é esse que afirma ter a criança/estudante uma dificuldade, um transtorno, ou um problema de aprendizagem? Que prática reducionista tem sido essa, legitimada como intervenção cabível ao complexo fenômeno? Desse modo, ao assumir a discussão, problematizamos sobre os processos de humilhação, sofrimento,

medicalização e exclusão, modos de operar, fios engendrados no cotidiano escolar, inscrições cravadas na biografia desses estudantes ao subjetivarem a queixa escolar (GONÇALVES FILHO, 1998, 2020, 2021). Procuramos uma metodologia e estratégias de pesquisa, guiadas, prioritariamente, pela garantia de expressão da criança. Apostamos na capacidade ímpar de que, ao contar a sua história em voz alta, ao escutar as histórias dos colegas, ao se reconhecerem nas semelhanças e nas diferenças, as crianças passavam a construir novos sentidos na história de pouco sucesso, tecida com o peso de profecias desqualificadoras.

E, na construção de estratégias para escutar as histórias de crianças “desacreditadas”, a tese foi se configurando. Defendemos, neste estudo, a tese de que, ao contar com mediações e com situações sociais intencionalmente planejadas, objetivando refletir sobre os sentidos que a criança/estudante imprimiu a uma trajetória escolar, marcada por experiências de pouco sucesso, ao se experimentar em um local diferente do habitual fracasso na escola, ao ser validado na potência e capacidade, e ao ampliar essa percepção e narrativa à escola e à família, ocorre um processo de ressignificação nos sentidos que foram apropriados pelas mediações sociais, afetivas, culturais...

As crianças contaram com um espaço de participação efetivo, para expressarem suas queixas, para dizer o que escutavam do outro a seu respeito; e, nos questionamentos de uma fala socializada, compreenderam que era possível fazer algo com o que escutou de si, imprimindo um novo sentido ao que fora interiorizado. Isso é possível a partir da participação da criança/estudante na construção e escolhas das atividades, de um trabalho e de atividades planejadas; de uma orientação teórica e metodológica no agir pedagógico; numa ação conjunta entre profissionais da Educação, da Psicologia, família e outros envolvidos. Como se observa no partilhamento de significados e na atribuição de novos sentidos, de Juliana: “*A gente até pode ter uma dificuldade para aprender, mas a professora também tem uma dificuldade para ensinar*” (Diário de Campo, 2010).

Em entrevista individual, realizada com Israel, depois de encerradas as atividades do grupo, perguntei ao estudante:

**Pesquisadora:** - *O que hoje vocêalaria sobre as coisas que você vive na sua escola?*

**Israel:** - *Silêncio.*

**Pesquisadora:** - *Israel olha nos meus olhos, sorri, olha em direção à janela da sala, abaixa seu olhar em direção ao chão – parece buscar um canto confortável naquele espaço, e “chega” no silêncio... Há experiências de silêncio que me acalmam, mas não era o que traduzia aquele silêncio vivido com Israel. Tratava-se de um silêncio desolador, localizava em mim um desejo de quebra, de produzir*

*sons que nos tirassem dali; por outro lado, compreendia, nas sensações mobilizadas, haver sentimentos necessitando serem contatados, aprendidos pelo olhar. Permanecemos um pouco mais, quando pedi:*

**Pesquisadora:** - *Que tal você falar através de um desenho? Há algo que você queira dizer sobre você e sua escola? Israel registra no desenho uma sala de aula, faz uma fila de carteiras com quatro bonecos sentados (um atrás do outro), e, na frente, um quadro e uma mesa, sinalizando a mesa da professora.*

**Pesquisadora:** - E o que está acontecendo aqui? - pergunto.

**Israel:** Estou na sala de aula, falta a professora ensinar (Diário de Campo, 2010).

Nesse movimento, entre cenários, histórias de vida, e encontros, o grupo se tornou um ambiente profícuo ao oferecer atividades e mediações representativas de um universo cultural e social, provocador de experiências de ressignificação.

**Gabriel:** - *Quero ser jogador de futebol.*

**Juliana:** - *Quero estudar para ser veterinária, eu amo bichos, e adoro cuidar de animais, tenho três gatos.*

**Manoela:** - *Eu ainda não sei, já quis ser muitas coisas.*

**Neymar:** - *Quero ser jogador de futebol, e desses que jogam num time grande (Diário de Campo, 2010).*

No momento final da escritura, retornando aos cenários, escutei sobre as crianças/estudantes encaminhados com queixa escolar, depois de dois anos terem se passado:

**Diretora do colégio de Gabriel:** - *Gabriel está participando da turma de correção de fluxo<sup>10</sup>. Seu comportamento mudou muito. Nossa! Agora, quando ele tem uma dificuldade, ele mesmo nos procura e pede ajuda. É uma criança alegre, participativa, respeita os professores.*

**Diretora do colégio de Neymar:** *Está participando da turma de correção de fluxo, é o nosso querido, está super bem nos estudos, exerce uma liderança positiva no grupo, é prestativo, sua mãe está sempre acompanhando (Diário de Campo, 2010).*

Desse modo, é possível afirmar que, ao viver uma experiência concreta de se colocarem de um jeito diferente (nas relações com algumas/alguns professoras/professores, familiares e no cenário do grupo), diante da possibilidade de realizarem atividades com sucesso, ao se flagrarem percebidos numa outra condição, as crianças/estudantes passaram a olhar a si mesmos com outra postura e conceito.

Refletindo, prospectivamente, não se vê garantias de que a mudança na vida dessas crianças, em relação ao lugar que passaram a ocupar na escola, permaneça, sobretudo, considerando que o nosso contato com elas se deu nos anos iniciais da sua vida escolar. Entretanto, é possível afirmar que algo pode dar errado nas profecias iniciais do "aluno problema", quando este conta com uma rede de relações que apostem

---

<sup>10</sup> Projeto implantado pelo Governo do Estado de Santa Catarina no ano de 2012, objetivando a correção de fluxo (distorção idade-série) dos estudantes, a recuperação dos conteúdos de 6<sup>a</sup>, 7<sup>a</sup> e 8<sup>a</sup> séries, para, se aprovados, ingressarem no ensino médio, em 2013.

no vir-a-ser, que ofereçam mediações favoráveis e planejadas para o seu desenvolvimento. A condição social, afetiva e cognitiva de se ver de um jeito diferente, com adjetivos diferentes, produz impacto na constituição do estudante, no jeito como ele irá se produzir; e isso não dependerá da força de vontade da criança, mas desse imbricado movimento, no qual se tecem o singular e o social. Se, no breve encontro vivido, foram observadas mudanças importantes, acreditamos que, tanto a escola, como a família, e essa grande força que tem imperado no contexto da medicalização da queixa escolar possam se reinventar na construção de novas práticas. E aí reside, para nós, uma força-potência em busca de um possível engajamento político, social, pedagógico e na interlocução com outros pares.

Cuidar dos sentimentos que “surram” cotidianamente as crianças/estudantes, as famílias, as/os professoras/es torna todos cúmplices numa mesma convocação. E, habilita todos a construir uma escola que saiba escutar as vozes do contingente de sujeitos expropriados e excluídos reiteradamente no interior dessa instituição, através de práticas autoritárias, desprovidas de um sentido que possa romper com um modelo tão amplamente criticado. Essa ação adquire um caráter desvelador das condições de produção de vida, desenvolvidas no cenário educacional; denunciando, assim, suas fontes de sofrimento e humilhação. O que supõe sujeitos de uma mesma ação, e o que pressupõe encontros possíveis.

E, por fim, quero dizer que, no emoldurado cenário social, a criança/estudante se produz, emerge em meio aos ditos sobre ela e sua infância. Utiliza-se de um repertório cognitivo, afetivo, motor, disponível no ponto de encontro, ou seria de desencontro?, entre ela e o outro. A criança/estudante cria o desvio, escapa ou se recusa a adequar-se às normas instituídas; se faz na diferença de uma envergadura, mas continua sendo criança. A queixa escolar tem produzido, agudamente, processos de marginalização, marcas na vida e no viver de crianças, estudantes, no que é, para nós, um embate desleal, na imposição de ordenamentos, silenciamentos, negações, contenções, disciplinamentos, esquecimentos. O que continuaremos a fazer com as coisas que já vimos?

## **REFLEXÕES FINAIS**

Neste momento retomo algumas discussões que orientaram o movimento de organização do estudo, desde a aproximação com o tema, perguntas que se colocaram e que não tínhamos a pretensão de esgotar aqui, mas de seguir nos interrogando, e

sobre como o caminho e a caminhada ofereceram inteligibilidade no fenômeno em relevo. Inicialmente, trago para reflexão o que se evidencia na história do estudante constituído em meio a queixa escolar.

Observa-se uma criança/estudante que se torna visível pela ausência de algo, por aquilo que falhou conforme ditames de disciplinas que vão hierarquizando e ratificando comportamentos em normais e anormais. Crianças/estudantes que no decorrer do processo de escolarização vão sofrendo apagamentos. Portanto, a criança/estudante é visível na falta: Gabriel, Israel, Juliana, Manoela e Neymar foram encaminhados ao serviço de psicologia pela incapacidade expressa; segundo a escola, havia algo impeditivo no seu "êxito" escolar. O jeito como isso é editado e inscrito na biografia das crianças/estudantes, mais especificamente, nas crianças/estudantes com quem estive, transforma a queixa (na maioria das vezes) na totalidade de quem são essas crianças para a escola e a família, recaindo no jeito como eles se percebem, como subjetivam o que o outro diz dele. Nesse sentido, a criança/estudante é reduzida à dificuldade, tornando-se invisível em tudo o mais que a constitui.

As discussões elencadas objetivaram a apresentação de uma tecitura, cujo desenho obedeceu ao fluxo com que o diálogo se teceu, na busca de apreender os sentidos produzidos pela criança/estudante com queixa escolar sobre o seu processo de escolarização, na investigação dos sentidos atribuídos pelas/os professoras/professores e famílias à queixa escolar da criança/estudante, e na compreensão dos conceitos que dão sustentação aos processos de produção do fracasso escolar. Como se deu esse fazer? no caminho, o processo...

As escolas falam mal dos estudantes: imaturo, desatento, agressivo, indisciplinado, hiperativo, não se esforça, disléxico, não vai dar em nada. Reclamam da família: desestruturada, não está nem aí, não comparece. A família está cansada de escutar as mesmas reclamações, num tom imperativo de que a culpa é da criança/estudante e dela. Nos especialismos não há consenso relacionado ao tema, mas continua-se com a emissão dos laudos-sentenças. E a criança/estudante se tece em meio a esses escritos e tantos outros fragmentos que pesam nas várias possibilidades de construir uma história.

O estudo demonstrou que sucessivas experiências de humilhação, repetência, exclusão e medicalização produzem sofrimento, além de atribuir sentidos às histórias de pouco sucesso escolar. Destaca-se, ainda, o peso de um olhar desqualificador, pautado sob a égide da normatização, classificação e do disciplinamento, fortemente presente no âmbito educacional, e que tem sido elemento norteador de práticas que



justificam os encaminhamentos das crianças/estudantes e das famílias em “desvio”. Por outro lado, evidencia-se que, quando as crianças/estudantes contam com outros cenários sociais, com experiências que validam a sua potência, que acolhem a diferença, que promovem atividades planejadas e construídas coletivamente, ao contar a sua história em voz alta, ou ao escutar uma história que é do colega, mas que traz fragmentos de algo que os aproxima –, há uma possibilidade concreta de a criança/estudante se estranhar no habitual lugar de incapaz e de, assim, imprimir novos sentidos a sua história escolar, ou seja, de ressignificar sua suposta incapacidade (SOUZA, 2013).

Em síntese, a escola se queixa das crianças/estudantes e das famílias. As famílias se queixam dos filhos e da escola. Os filhos se queixam da escola e da família, e não aprendem, gritam, resistem, silenciam. De vez em quando, o fenômeno é percebido, por alguns, de que este se trata de um padecimento coletivo, e, portanto, só pode ser estudado na complexa rede que o traduz. Esta é a convocação, para os que, assim como nós, acredita na necessidade e na possibilidade concreta de construirmos uma escola num *modus operandi* diferente, uma escola onde a alegria possa ser sentida mais além da campanha que sinaliza o final de um expediente. Uma escola que permita que a expressão da vida e da humanidade seja vivida no mais particular de uma diferença. Porque a escola, cenário que produz muitas histórias, é palco que pode acolher, abrigar, produzir o que falta, emancipar vidas em construção (HOOKS, 2017).

## REFERÊNCIAS

BELTRAME, Rudinei Luiz. **Medicalização da educação: sentidos produzidos por estudantes com diagnóstico relacionado a dificuldades no processo de aprendizagem e de comportamento.** 2019. 168 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

DERMATINI, Zeila de Brito Fabri. Infância, Pesquisa e Relatos Orais. In: FARIA Ana Lúcia Goulart de; DERMATINI, Zeila de Brito Fabri; PRADO, Patrícia Dias (orgs.). **Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisa com crianças.** Campinas: Autores Associados, 2002. p. 1–17.

CAPONI, Sandra. O conceito de doença e a reconfiguração dos transtornos mentais na infância. In: OLIVEIRA, Eliane Cristina de; VIÉGAS, Lygia de Souza; MESSEDER NETO, Hélio da Silva (orgs.). **Desver o mundo, perturbar os sentidos: caminhos na luta pela desmedicalização da vida.** Salvador: EDUFBA, 2021. p. 53-78.

COLAÇO, Lorena Carrillo. **A produção de conhecimento e a implicação para a prática do encaminhamento, diagnóstico e medicalização de crianças: contribuições da Psicologia Histórico-Cultural.** 2016. 117 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2016.

FÓRUM SOBRE A MEDICALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO E DA SOCIEDADE. Carta do IV Seminário Internacional A Educação Medicalizada: desver o mundo, perturbar os sentidos. In: SEMINÁRIO SOBRE A EDUCAÇÃO MEDICALIZADA, 4, 2015, Salvador-BA. *Anais... Fórum Sobre Medicalização da Educação e da Sociedade*, 2016, v.1, n.1, p. 12-20. Disponível em: <<http://anais.medicalizacao.org.br/index.php/educacaomedicalizada/article/view/235/205>>. Acesso em 18 nov. 2020.

FÓRUM SOBRE A MEDICALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO E DA SOCIEDADE. Manifesto Desmedicalizante e Interseccional: "existirmos, a que será que se destina?". SEMINÁRIO SOBRE A EDUCAÇÃO MEDICALIZADA, 5, 2019, Salvador-BA. *Anais... Fórum Sobre Medicalização da Educação e da Sociedade*, 2019, v.1, n.1, p. 12-20. Disponível em: <<http://anais.medicalizacao.org.br/index.php/educacaomedicalizada/article/view/235/205>>. Acesso em 18 nov. 2020.

GUARIDO, Renata. A biologização da vida e algumas implicações do discurso médico sobre a educação. In: CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DE SÃO PAULO; GRUPO INTERINSTITUCIONAL QUEIXA ESCOLAR (orgs.). **Medicalização de crianças e adolescentes**: conflitos silenciados pela redução de questões sociais a doenças de indivíduos. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010. p. 27-39.

GONÇALVES FILHO, José Moura. Humilhação Social - um Problema Político em Psicologia. **Psicologia USP**, [S. l.], v. 9, n. 2, p. 11-67, 1998. DOI: 10.1590/psicosp.v9i2.107818. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/psicosp/article/view/107818>. Acesso em: 15 out. 2022.

GONÇALVES FILHO, José Moura. Humilhação política. In: SOUZA, Beatriz de Paula (org.). **Orientação à queixa escolar**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2020. P. 187-222.

GONÇALVES FILHO, José Moura. Medicalização e humilhação social. In: OLIVEIRA, Eliane Cristina de; VIÉGAS, Lygia de Souza; MESSEDER NETO, Hélio da Silva (orgs.). **Desver o mundo, perturbar os sentidos**: caminhos na luta pela desmedicalização da vida. Salvador: EDUFBA, 2021. p. 137-159.

GUSSO, Raquel Souza Lobo. Saúde psicológica, sucesso escolar e eficácia da escola: desafios do novo milênio para a psicologia escolar. In: PRETTE, Zilda Aparecida Pereira Del (org.). **Psicologia Escolar e Educacional**: saúde e qualidade de vida. 3. ed. Campinas, SP: Editora Alínea, 2008, p. 25-42.

HOOKS, Bell. **Ensinando a Transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2017.

ILLICH, Ivan. **A Expropriação da Saúde**: nêmesis da medicina. Tradução de José Kosinski de Cavalcanti. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

MACHADO, Roberto, *et al.* **Danação da norma**: a medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1978.

OLIVEIRA, Elaine Cristina de; Harayama, Rui Massato, VIÉGAS, Lygia de Sousa. Drogas E Medicalização Na Escola: Reflexões Sobre Um Debate Necessário. **Revista Teias**, v. 17, n. 45, p. 99-118, 2016.

MELLO, Suely Amaral. Infância e humanização: algumas considerações na perspectiva histórico-cultural. **Perspectiva**, [S. l.], v. 25, n. 1, p. 83-104, 2007. DOI: 10.5007/0x. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/1630>. Acesso em: 15 out. 2022.

PATTO, Maria Helena Souza. A família pobre e a escola pública: anotações sobre um desencontro. In: PATTO, Maria Helena Souza (org.). **Introdução à Psicologia Escolar**. 3. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997. p. 281-296.

PATTO, Maria Helena Souza. O mal-estar na educação. In.: PATTO, Maria Helena Souza. **Exercícios de Indignação**: escritos de educação e psicologia. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010. p. 141-154.

PATTO, Maria Helena Souza. **A Produção do Fracasso Escolar**: histórias de submissão e rebeldia. 4. ed. São Paulo: Intermeios, 2015.

PRESTES, Zoia. A teoria histórico-cultural, a ciência e a medicalização da educação. In: OLIVEIRA, Eliane Cristina de; VIÉGAS, Lygia de Souza; MESSEDER NETO, Hélio da Silva (orgs.). **Desver o mundo, perturbar os sentidos**: caminhos na luta pela desmedicalização da vida. Salvador: EDUFBA, 2021. p. 45-52.

QUINTEIRO, Jucirema, CARVALHO, Diana Carvalho. O ensino fundamental de nove anos e o direito à infância na escola não são sinônimos! **Revista Pedagógica**. v. 17 n. 35: Mai./Ago. 2015. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/pedagogica/article/view/3058>

REY, Fernando Luis González. Epistemología cualitativa: sus implicaciones metodológicas. **Psicología Revista**. PUC-SP: São Paulo. v. 5, p. 13-32, dez. 1997. Disponível em: <<http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/234683>> Acesso em: 10 de jul. 2013.

REY, Fernando Luis González. **Pesquisa Qualitativa em Psicologia**: caminhos e desafios. Tradução Marcel Aristides Ferrada. São Paulo: Pioneira Thompson, 2002.

REY, Fernando Luis González. **Pesquisa Qualitativa e Subjetividade**: os processos de construção da informação. Tradução Marcel Aristides Ferrada. São Paulo: Pioneira Thompson, 2005.

SOUZA, Beatriz de Paula. Funcionamentos escolares e a produção do fracasso escolar e sofrimento. In: SOUZA, Beatriz de Paula (org.). **Orientação à queixa escolar**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2020. p. 241-278.

SOUZA, Beatriz de Paula; SOBRAL, Kelly Regina. Características da clientela da orientação à queixa escolar: revelações, indicações e perguntas. In: SOUZA, Beatriz de Paula (org.). **Orientação à queixa escolar**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007. p. 119-134.

SOUZA, Marilene Proença Rebello de. Problemas de aprendizagem ou problemas de escolarização? Repensando o cotidiano escolar à luz da perspectiva histórico-crítica em psicologia. In: OLIVEIRA, Marta Kohl de; SOUZA, Denise Trento R.; REGO, Teresa Cristina (orgs.). **Psicologia, educação e as temáticas da vida contemporânea**. São Paulo: Moderna, 2002. p. 177-195.

SOUZA, Marilene Proença Rebello de. Retornando à patologização para justificar a não aprendizagem escolar: a medicalização e o diagnóstico de transtornos de aprendizagem em tempos de neoliberalismo. In: CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DE SÃO PAULO; grupo interinstitucional queixa escolar (orgs.). **Medicalização de crianças e adolescentes**: conflitos silenciados pela redução de questões sociais a doenças de indivíduos. São Paulo: Casa do Psicólogo. 2010, p. 57-68.

SOUZA, Simone Vieira de. **O estudante (in)visível na queixa escolar visível**: um estudo sobre a constituição do sujeito na trajetória escolar. 2013. 203 p. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

TULESKI, Silvana Calvo; FRANCO, Adriana de Fátima; MENDONÇA Fernando Wolff; FERRACIOLI, Marcelo Ubiali; EIDT, Nadia Mara. Tem remédio para a educação? considerações da psicologia histórico-cultural. **Práxis Educacional**, [S. l.], v. 15, n. 36, p. 154-177, 2019. DOI: 10.22481/praxisedu.v15i36.5863. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/5863>. Acesso em: 15 out. 2022.

VIÉGAS, Lygia de Souza. Dificuldades de escolarização e Progressão Continuada: uma relação complexa. In: SOUZA, Beatriz de Paula. **Orientação à Queixa Escolar**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007. p. 307-328.

## NOTAS

### TÍTULO DA OBRA

### **A INFÂNCIA MEDICALIZADA: UM ESTUDO SOBRE A CONSTITUIÇÃO DA CRIANÇA COM QUEIXA ESCOLAR**

Medicalized childhood: a study on the constitution of children with school complaints

**Simone Vieira de Souza**

Doutorado em Educação

Universidade Federal de Santa Catarina

Departamento de Metodologia de Ensino

Florianópolis, Brasil

[simonesouza.ufsc@gmail.com](mailto:simonesouza.ufsc@gmail.com)

<https://orcid.org/0000-0001-7089-0465>

### ENDEREÇO DE CORRESPONDÊNCIA DO PRINCIPAL AUTOR

Rua Joci José Martins, 515, apto. 706B, CEP 88132-148, Palhoça, SC, Brasil.

### AGRADECIMENTOS

A todas as crianças/estudantes marcadas por uma queixa escolar que (re)existem.

A Diana Carvalho de Carvalho, orientadora dessa pesquisa e inspiração para seguir pensando a vida, a vida na escola e na universidade. Uma referência de como se constrói uma ética do cuidado.

### CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

**Concepção e elaboração do manuscrito:** S. V. Souza

**Coleta de dados:** S. V. Souza

**Análise de dados:** S. V. Souza  
**Discussão dos resultados:** S. V. Souza  
**Revisão e aprovação:** S. V. Souza

#### **CONJUNTO DE DADOS DE PESQUISA**

Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

#### **FINANCIAMENTO**

Não se aplica.

#### **CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM**

Não se aplica.

#### **APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA**

Pesquisa de natureza qualitativa, submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (certificado nº 925) em 30 de agosto de 2010.

#### **CONFLITO DE INTERESSES**

Não se aplica.

#### **LICENÇA DE USO** – uso exclusivo da revista

Os autores cedem à **Zero-a-Seis** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](#) (CC BY) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

#### **PUBLISHER** – uso exclusivo da revista

Universidade Federal de Santa Catarina. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância - NUPEIN/CED/UFSC. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

#### **EDITORES** – uso exclusivo da revista

Márcia Buss-Simão.

#### **HISTÓRICO** – uso exclusivo da revista

Recebido em: 07-08-2022 – Aprovado em: 16-10-2022